

## APRESENTAÇÃO

Estudos sobre a morte, o morrer e os cemitérios, entendidos hoje como museus a céu aberto e patrimônios culturais de uma localidade, assim como o resgate de memórias e a educação de gênero são temas que têm ocupado espaço significativo nas reflexões acadêmicas e, de modo geral, na sociedade recente.

A Fundação Araporã de Araraquara considera estas discussões de extrema relevância. Desta forma, buscando inserir-se nestes debates, nesta edição da **Moitará** trazemos alguns trabalhos que podem contribuir para as reflexões que ora se apresentam. Este número está constituído de 5 artigos:

No primeiro, denominado **Ecos da Liberdade: Uma cartografia Social das Memórias Aflitas**, Wesley Vieira mostra como vem se desenvolvendo desde 2018 uma Cartografia Social que tem como espaço o bairro da Liberdade na cidade de São Paulo. Esta cartografia social, conforme aponta, tem início a partir do encontro, em 2018, de nove ossadas pertencentes ao Cemitério dos Aflitos, antigo cemitério reservado à população negra, às pessoas pobres e desvalidas. Desde então, a memória, herança do período escravocrata da cidade, vem sendo ecoada e difundida, com a realização de um cortejo que enaltece a memória de Chaguinhas, o soldado Francisco José das Chagas, que foi preso e condenado à morte “por liderar uma revolta em Santos contra o não recebimento dos soldos”. O autor destaca que “segundo a crença popular, durante o enforcamento de Chaguinhas, a corda da forca arrebentou-se três vezes, e a população que assistia, implorando por clemência gritou por liberdade.” O cortejo de Chaguinha, realizado na data de sua morte, 20 de setembro, e atualmente em sua terceira edição “traça, no antigo coração da cidade, uma cartografia social dos lugares de sentença, castigo, morte e enterro da São Paulo do século XIX.”. Percorrendo este trecho da cidade de São Paulo e as diversas atividades promovidas para a preservação da memória do lugar e das populações negras e indígenas ali presentes, o artigo aborda temas relacionados à Arqueologia, em particular à sua subárea a Arqueologia Funerária, a memória, identidade, patrimônio cultural material e imaterial e a educação patrimonial.

Na sequência, em **A Morte e o Morrer na Usina Tamoio: Reflexão Sobre as Práticas Fúnebres e Rituais Funerários no Período Morganti (1917-1969)**, Angela Cristina Ribeiro Caires ao buscar resposta para a pergunta que lhe foi formulada sobre a existência ou não de cemitério na Usina Tamoio, antiga usina sucroalcooleira localizada na cidade de Araraquara, modelo nas décadas de 1940 e 1950 e hoje paralisada, revisita o material de pesquisa coletado no final dos anos 1980 e início de 1990, por ocasião da elaboração de sua dissertação de mestrado, trabalho que resgatou e analisou 50 anos de história da empresa que em sua fase áurea abrigava de 10.000 a 12.000 pessoas entre trabalhadores e moradores. Na busca de resposta à questão que lhe foi proposta procura entender uma dimensão da vida na usina que ia além de morar, viver e trabalhar: a morte e o morrer

naquele lugar- tema não contemplado em sua dissertação. Assim percorre as causas de morte no território da usina, os cuidados da empresa com a saúde e a vida de sua força de trabalho, os ritos funerários, bem como as ações da organização diante da morte de trabalhadores e moradores. Neste percurso, a autora não apenas revela como se dava a morte, o morrer e os rituais fúnebres e funerários em um tempo determinado (1917 a 1969) e lugar específico – A Usina Tamoio - mas também oferece indícios de como esses fenômenos e práticas sociais ocorriam na cidade de Araraquara/SP, elucidando, ao final, sobre a não existência de cemitério no local.

Em **A Química dos Cemitérios: Uma Proposta Didática Baseada na Pedagogia Histórico-Crítica em um Projeto de Educação Patrimonial**, de autoria de Rafaela Valero e Patrícia de Oliveira, as autoras apresentam uma proposta didática que explora os ciclos biogeoquímicos e sua relação com a morte e o morrer. Tal proposta, ancorada na pedagogia histórico-crítica, nasceu de um projeto de Educação Patrimonial sobre os cemitérios de Araraquara, realizado na Escola Estadual “Prof. Lysanias de Oliveira Campos” em parceria com Fundação Araporã de Araraquara, no ano de 2024. Esse projeto, que teve por objetivo abordar a história da cidade de Araraquara e de seus patrimônios por meio da realidade verificada em seu principal e mais antigo cemitério – o São Bento, visou enriquecer a visão de mundo dos estudantes, levando-os a perceber os cemitérios como lugares de celebrações e de homenagens aos mortos, mas também de arte, de cultura, de trabalho, de memória, de história, portanto de educação e de aprendizagens. Contemplou os 6º.s e 9º.s anos do Ensino Fundamental e 1º. s. anos do Ensino Médio. Em uma ação interdisciplinar que envolveu diferentes componentes curriculares, os professores das séries contempladas comprometeram-se a, quando pertinente, trabalhar temáticas de suas disciplinas partindo da problematização dos cemitérios, da morte e do morrer. A partir desta proposta, a professora da disciplina de Química, com o apoio da coordenadora pedagógica da escola, elaborou e desenvolveu esta ação pedagógica com a finalidade de discutir e instruir os/as alunos/as sobre os ciclos biogeoquímicos e sua relação com a morte.

Como contribuição aos estudos sobre memória, identidade e patrimônio temos o trabalho de Rui Mattioli, **O Centro de Araraquara na Década de 1950: lugar de vida e de memórias**. O trabalho faz uma interessante retrospectiva do que era e do que acontecia no centro da cidade de Araraquara na década de 1950, em especial no trecho que compreende três quadras da Rua 3 (Rua São Bento), desde a avenida Espanha até a Avenida São Paulo. O autor vale-se de suas lembranças, recordações e apresenta um momento de efervescência cultural, econômica e política que configurava a vida cidadina e urbana local, em particular de uma parcela da sociedade araraquarense. Relembra, fatos, pessoas, lugares e acontecimentos que marcaram sua memória e que são importantes para a compreensão de um tempo importante da cidade, mas que a modernidade deixou para trás. Rui reconhece a importância desses momentos, das pessoas, dos fatos vivenciados, enfim do movimento da cidade na construção de sua identidade.

## ENSAIO

Por fim, neste número, além dos artigos, abrimos um espaço para um Ensaio. Em **Deu Pano pra Manga: a Importância do Resgate das Hhistórias Femininas pela Educação Popular**, Ana Cláudia Magnani Delle Piagge (Ana Magnani), avó, mãe, artista-arteira-brincante, pedagoga, mestra e doutoranda em Educação, contadora de causos e histórias, escutadeira das crianças e dos adultos em estado de criancamento, sonhadora de outros mundos possíveis para a educação – como ela própria se define – apresenta um ensaio extremamente instigante que expõe fragmentos de sua história, mas que, ao ao mesmo tempo, é a história de muitas mulheres. Sua escrita livre e criativa é um convite ao pensamento, à reflexão sobre o significado de ser mulher numa sociedade patriarcal opressora. É também, como ela própria afirma, “um (re)início para uma caminhada que buscou (e ainda busca), perceber e resgatar o modo como uma educação popular e, principalmente, no âmbito de um protagonismo feminino e feminista, pode contribuir para firmar raízes profundas na história pessoal de quem as vive e oportunizar uma ampliação do olhar para as questões de gênero e sexuais que, ainda hoje, oprimem a pluralidade de corpos femininos existentes”. A autora busca refletir sobre a importância do resgate das memórias nos saberes populares femininos e sobre a influência dessas para a emancipação das mulheres no mundo contemporâneo. Para ela, é importante e necessário dar voz às mulheres, permitir que suas Hhistórias<sup>1</sup> sejam contadas e valorizadas, que “busquem resgatar os fios encaracolados<sup>2</sup> de suas memórias ancestrais, do feminino, e apontamentos histórico-culturais que possam tecer diálogos importantes nessa trama e que digam sobre a necessidade de uma ampliação do conteúdo de Hhistória ensinado pelas escolas de modo a fazer caber outros saberes”.

---

<sup>1</sup>Neste trabalho, a autora grava a palavra Hhistórias com o “H” maiúsculo e “h” minúsculo por compreender com a cacica Katia Akrāntikatêgê, de Marabá, no Pará, que [...] a nossa Hhistória, a história com “H” maiúsculo e minúsculo, é a Hhistória da realidade do que vivemos”.

<sup>2</sup>Que tem ondas, apresenta possibilidade para se enroscar em outros corpos. Que não tecem retas, mas que se arriscam a tráfegar por outros caminhos.